

A IMPORTÂNCIA DO ÓCIO PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA INFÂNCIA: UMA REFLEXÃO PSICOPEDAGÓGICA¹

Gisele Ferraz Capovilla dos Santos²

RESUMO

Este trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa de natureza bibliográfica e tem como objetivo entender, por meio de uma visão psicopedagógica, como o ócio pode colaborar para que haja uma aprendizagem significativa na infância. Com tal finalidade, buscou-se aprender o seu conceito, assim como o conceito da aprendizagem e, com base na bibliografia consultada, analisou-se como atividades em excesso podem prejudicar o processo de aprendizagem na infância. Além disso, o artigo discute o ócio como ferramenta a favor da aprendizagem, como colaborador para que o aprender seja mais significativo. O aporte teórico foi fornecido pelos seguintes autores: Fernández (1991); De Masi (2000); Santana (2017); Leme (2012); e Chedid (2016). Ao final da investigação, verificou-se que para o ócio ser significativo é preciso que a criança queira vivenciá-lo. Na ausência desta vontade, a literatura nos indica que será necessário que ela tenha a sua disposição as intervenções que lhes sejam adequadas.

Palavras-chave: Ócio, Psicopedagogia, Criatividade, Excesso, Desenvolvimento Infantil.

INTRODUÇÃO

Ao refletirmos sobre as possíveis desvantagens que as crianças vêm enfrentando nos últimos tempos com pais que começam a investir no futuro de seus filhos cada vez mais cedo, podemos perceber que isso tem se tornado uma corrida exacerbada por um futuro brilhante e que acaba trazendo uma cobrança de que elas sejam perfeitas em tudo que façam, seja na escola, ou mesmo no convívio com o outro.

O zelo com que o assunto é tratado dentro de suas casas, não tem levado em conta o quanto o excesso de atividades pode acabar prejudicando o desenvolvimento infantil e, conseqüentemente, chegando a atingir o processo de aprendizagem.

Nesse sentido, este estudo justifica-se pela necessidade de considerar que

¹ Artigo apresentado ao curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional da Universidade Santo Amaro, como exigência parcial para obtenção do título de especialista em Psicopedagogia; concluído em abril/2018, sob a orientação da Profa. Dr^a. Cleonice de Almeida Cunha Lussich – Universidade Metodista de São Paulo.

² Pedagoga. Graduada pela UNINOVE – Universidade Nove de Julho. Cursando Psicopedagogia Clínica e Institucional na UNISA – Universidade de Santo AMARO. e-mail: <giselecapovilla@yahoo.com.br>.

chegou a hora de fazermos uma reflexão sobre a importância do ócio na vida da criança, e sobre o quanto ele pode ser benéfico para o desenvolvimento infantil.

Podemos ainda ressaltar que nem sempre ficar “sem fazer nada” é realmente ficar desocupado, já que o ócio do qual falamos aqui, é aquele em que existe uma ação, a criança vai tirar um tempo de descanso de suas atividades programadas para exercer atividades de sua escolha e que lhe tragam a sensação de felicidade e prazer. Durante este tempo, a criança elabora ideias e, por meio delas, passa a criar novas possibilidades, a desenvolver hipóteses e, o melhor, depois de tudo isso, ela pode colocar toda a sua criatividade em prática.

Uma das questões que emerge nesse cenário é entendermos quando o ócio torna-se uma ferramenta positiva para o processo de aprendizagem na infância, visto que a cobrança em ter uma agenda cheia de atividades acaba atrapalhando o desenvolvimento das crianças.

A partir dos pressupostos iniciais, este estudo objetiva demonstrar, sob uma perspectiva psicopedagógica, como o ócio pode colaborar para que haja uma aprendizagem significativa na infância, entendendo que, esta aprendizagem deve trazer um olhar diferenciado para cada criança, pois cada uma delas possui suas singularidades, que podem trazer resultados inesperados.

Uma das hipóteses levantadas neste estudo é que o excesso de atividades pode levar as crianças a um esgotamento físico, que, conseqüentemente, acaba afetando o seu ajustamento criativo, impossibilitando-as de criarem e realizarem.

Segundo Santana (2017):

O ajustamento criativo é muito importante para o ser humano, pois é a sua capacidade de autorregulação sob situações diversas, no contato de fronteira organismo/ambiente. A criança está a todo o momento buscando novas formas de se comportar em situações diversas e buscando novos repertórios para lidar com as divergências da vida, sendo importante ter as suas relações sociais, principalmente a familiar, organizada e apoiadora para que a criança realize um ajustamento criativo funcional. (SANTANA, 2017, p.11)

Como opção metodológica, a pesquisa baseia-se em levantamento de natureza bibliográfica, conforme a perspectiva de Severino (2007), pois segundo ele:

A pesquisa bibliográfica utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2007, p. 122)

Para fundamentar este estudo foram trazidas as concepções de ócio e de aprendizagem, bem como foi realizada uma breve reflexão sob as perspectivas de autores que discutem sobre o tema proposto, dentre eles: Fenández (1991), De Masi (2000), Leme (2012) e outros que abordam o ócio de forma muito abrangente.

É necessário falarmos do desenvolvimento infantil, pois muitos educadores ainda apresentam dificuldades em compreender que a criança passa por diferentes fases no seu desenvolvimento e, nesta perspectiva, o ócio acontece de diferentes formas também, assim como o uso da criatividade e seus resultados. Trata-se, portanto, de um processo que deve ser muito bem observado, desde a sua criação até a sua prática, de modo a verificar o momento quando a criança passa a alcançar os resultados finais, quando passa a demonstrar suas ideias de forma concreta, bem como a sua capacidade criativa.

Para sequenciar a discussão de forma abrangente, o trabalho foi estruturado em quatro capítulos específicos: [1] O ócio e aprendizagem sob o olhar da Psicopedagogia; [2] A aprendizagem sob o olhar da Psicopedagogia; [3] O excesso de atividades e o desenvolvimento da aprendizagem infantil; e [4] O ócio como ferramenta a favor da aprendizagem significativa.

1 O ÓCIO E A APRENDIZAGEM SOB O OLHAR DA PSICOPEDAGOGIA

Devemos nos perguntar, em princípio, o que é o ócio?

Diante das primeiras aproximações teóricas, percebemos que existe a necessidade de esclarecermos, primeiramente, o que vem a ser, de fato, o ócio, pois somente desta forma poderemos entender as suas consequências no desenvolvimento infantil. Após compreendermos qual a sua definição, poderemos eliminar possíveis dúvidas que venham a surgir futuramente, já que existem muitos equívocos a respeito do tema proposto neste trabalho.

É importante ressaltar que, o ócio do qual falamos, vai muito além de usufruir de lazer, e é muito menos que passar um dia de preguiça, deitado em uma rede o dia inteiro. O ócio em questão é aquele que causa uma transformação de pensamento, ideias e comportamento, que estimula a criatividade e ajuda no desenvolvimento humano e na aprendizagem.

Rhoden (2009) afirma em seu artigo:

Para este estudo consideramos sinônimas as palavras ócio, *leisure*

(inglês); *loisir*, (francês) e lazer, recordando que todas, exceto ócio, procedem do termo *licere*, que em latim significa “ser permitido”, coincidindo com a concepção de ócio como uma experiência pessoal “permitida” e “que permite”, seja o descanso, o desfrute e/ou o desenvolvimento humano. Além disso, alguns autores utilizam expressões como diversão, jogo, recreação, distração, entretenimento ou tempo livre, como se fossem o mesmo; embora, aprofundando o estudo destes termos, percebemos que não o são. (RHODEN, 2009, p. 1)

Percebe-se que o ócio é uma ação permitida, portanto, para que ele, de fato, ocorra, é preciso que o sujeito se permita praticá-lo. Desta forma, podemos dizer que não basta colocar uma criança frente a uma folha de papel, ou mesmo frente a um brinquedo e ordená-la que brinque, ou que pinte um desenho qualquer, achando que com isso ela está exercendo o ócio, por certo, que esta atividade possa até ser divertida, mas prazerosa ela não é, já que a criança irá executar a atividade porque alguém ordenou que o fizesse e não por livre escolha e vontade.

Para que essa atividade se torne prazerosa e agradável para a criança, é necessário que ela queira fazer, que ela busque realizar por conta própria, que ela tome a iniciativa. Este momento não pode parecer uma continuação da atividade feita durante a aula escolar, tem que ser algo natural, já que se trata de uma experiência pessoal e que depende da subjetividade de cada pessoa, portanto, envolve escolhas próprias, nas quais ninguém pode interferir, apenas estimular e encorajá-la a continuar. Já, Cuenca (1995 *apud* MONTEAGUDO; CUENCA; BAYÓN; KLEIBER, 2013) define o ócio da seguinte forma:

O ócio não é um tempo, mas sim uma experiência propiciada por um estado mental que me permite desfrutar de algo que os outros, talvez, não desfrutem. É uma área específica humana que faz com que nos sintamos livres, desprendidos e dispostos a atuar só pelo facto de que tal nos dá satisfação. (CUENCA, 1995, p. 55 *apud* MONTEAGUDO; CUENCA; BAYÓN; KLEIBER, 2013, p. 156-157)

Trazendo novamente a discussão para a infância, entendemos que as crianças conseguem vivenciar isso muito bem em suas brincadeiras. Percebemos que, em seu momento de ócio, as crianças conseguem elaborar ideias, tornando o brincar muito prazeroso, a tal ponto que, quando são interrompidas, elas se negam a parar, mesmo quando o cansaço toma conta do corpo. Percebe-se também certo ar de satisfação e contentamento nos seus rostos ao final do dia, e até podemos dizer que ali existe um cansaço corporal, porém, a mente parece continuar trabalhando intensamente.

Albanez (2016 *apud* ROCHA, 2016) traz a seguinte definição do ócio criativo:

É a capacidade de olhar com novos olhos tudo o que vemos o tempo todo; é estar relaxado, fazendo o que se gosta, em seu momento de lazer; é estar com a cabeça limpa, aberta, ou mesmo não fazendo nada e, do nada, vem aquela ideia genial que você nunca teria no estresse e na loucura diária em que vivemos. (ALBANEZ *apud* ROCHA, 2016, s/p)³

Ruano (2016) define o ócio criativo e desmistifica algumas ideias preconcebidas sobre o conceito, e que povoam o senso comum:

Ao contrário do que muitos acreditam, ócio criativo não significa não fazer nada. Por ócio criativo entende-se a união entre trabalho, estudo e lazer, de forma que alguém possa experimentar a riqueza gerada pelo trabalho, o conhecimento ocasionado pelo estudo e a alegria proporcionada pelo lazer. (RUANO, 2016, s/p)

Nota-se que, agora, chegamos a um ponto crucial, pois trazendo o ócio criativo para a nossa discussão, passamos a compreender este universo infantil de outra forma, podemos enxergar o “não fazer nada” por meio de outra perspectiva. A criança ao brincar, ou simplesmente tirar um momento para descansar, pode, na realidade, estar criando, inventando e colocando em prática tudo aquilo que sua mente idealizou, ou seja, ela transmuta as suas ideias e as transforma em algo concreto, tornando o imaginário algo palpável.

De Masi (2000) nos diz que a criatividade surge de uma soma das nossas habilidades com as nossas emoções, é a concretude e a fantasia. Ressalta, ainda, que a criatividade não é apenas composta por ideias e imaginação, pois implica saber como colocá-las em prática.

Monteagudo, Cuenca, Bayón e Kleiber (2013), afirmam que:

O ócio há de ser percebido como resultado de uma escolha livre, de modo que a pessoa se veja como responsável tanto pelo seu comportamento como pelas consequências que provoca. (MONTEAGUDO; CUENCA; BAYÓN; KLEIBER, 2013, p. 157)

Podemos dizer, então, que o ócio, além de estimular a criatividade, também pode colaborar para o desenvolvimento da autonomia, uma condição em que o sujeito se vê dono de suas vontades, criando suas ideias, tomando a decisão de colocá-las em prática e, neste momento, passa a se enxergar como um sujeito dono

³ Juliana Albanez é jornalista e *coach* especialista em criatividade. Concedeu entrevista a Giovane Rocha, da Revista Alto Astral eletrônica, em 19.08.16, em matéria que analisa o livro do professor, filósofo e sociólogo italiano Domenico De Masi, criador do termo “ócio criativo”. (N.A.).

de sua própria história.

Outro ponto que vale a pena ser destacado é o fato de que o ócio pode estar ligado à solidão em alguns momentos, mas é algo aleatório, pois, às vezes, é necessário tomar posse de um momento de solidão para se aprofundar em seus próprios pensamentos. Isso acontece muito com os praticantes de Yôga, que usufruem do silêncio e da solidão para alcançar determinados níveis de concentração.

De acordo com Jourard e Landsman (1987, *s/p apud* RHODEN, 2009):

A razão da solidão é evidente, posto que quando nos separamos de outros e ficamos em silêncio, temos a oportunidade de refletir e discernir qual poderia ser nossa própria perspectiva em contraste com tantas opiniões que nos chegam. Essa solidão não equivale à privação da companhia dos demais, pois é uma solidão escolhida livremente. (JOURARD; LANDSMAN, 1987, *s/p apud* RHODEN, 2009, p. 4)

Por fim, independentemente de praticar o ócio de forma solitária, ou interagindo com o outro, o fato é que o ócio pode favorecer o desenvolvimento humano e, principalmente, auxiliar a criança durante todo o processo de aprendizagem e estimulação da criatividade.

2 A APRENDIZAGEM SOB O OLHAR DA PSICOPEDAGOGIA

Neste capítulo, discutimos sobre a aprendizagem, mas sob o olhar psicopedagógico e com o objetivo de construir uma nova percepção, pois quando este processo sofre alguma ruptura, é fundamental que haja um olhar diferenciado e que enxergue caminhos que possibilitem traçar novas rotas facilitadoras para aquisição do conhecimento por parte do indivíduo.

De acordo com Andrade (2010):

O diagnóstico psicopedagógico é uma busca por fatores que possam estar influenciando o fracasso escolar do indivíduo: em quais aspectos ele não se enquadra ao nível de aprendizagem esperado para sua idade, como se dá o não-aprender ou onde se instala a dificuldade ou a não-dificuldade. Implica, antes de tudo, em averiguar como a aprendizagem ocorre para aquele indivíduo envolvendo suas características mais particulares ou singularidades de evolução, desenvolvimento ou não-assimilação (Weiss, 2007; Bossa, 2000). (ANDRADE, 2010, p. 121)

Entendemos que a Psicopedagogia é a ciência que vai cuidar das

dificuldades de aprendizagem do ser humano, é ela que vai nos ajudar a compreender o porquê a criança ou paciente não consegue aprender. Mas é claro que a Psicopedagogia leva em consideração muitos aspectos e características do indivíduo, respeitando sempre as particularidades de cada um, considerando sempre que cada pessoa tem o seu próprio tempo e aprende de forma diferente também.

Porém, para entender isso, o psicopedagogo, durante o atendimento, fará uso de ferramentas que o ajudarão a levantar hipóteses para um possível diagnóstico e, a partir daí, ele poderá fazer as intervenções necessárias que levará o paciente a organizar seus pensamentos e ideias, de modo que facilite a sua aprendizagem.

A respeito disso, Fenández (1991) ressalta que o terapeuta:

[...] é uma testemunha que legaliza a palavra do paciente. Quer dizer, alguém que com sua escuta outorga valor e sentido à palavra de quem fala, permitindo-lhe organizar-se (começar a entender-se), precisamente a partir de ser ouvido. [...] posiciona-se em um lugar analítico, permite ao paciente organizar-se e dar sentido ao discurso a partir de um outro que escuta e não desqualifica, nem qualifica. (FENÁNDEZ, 1991, p. 126)

A partir da contribuição da autora, pode-se dizer que, quando a aprendizagem encontra obstáculos em seu caminho, é preciso que ocorra uma intervenção. O primeiro passo é saber ouvir o paciente e sua família, percebendo suas queixas e seus descontentamentos, olhando para ele como um indivíduo que precisa ser ouvido em sua plenitude. É neste momento de escuta que o psicopedagogo poderá dar voz a tudo aquilo que a criança não consegue dizer realmente. Ele é o profissional que vai olhar para o que está latente, mas sem realizar julgamentos de valores. Este saber ouvir deve acontecer de forma limpa, sem resquícios de fala de terceiros, devendo questionar o que for dito por cada indivíduo, a fim de chegar a um resultado mais preciso.

A terapia psicopedagógica servirá para ajudar a criança a conseguir entender e organizar os seus pensamentos de forma mais clara e objetiva.

Assim, compreendemos que é de extrema importância refletir um pouco sobre a aprendizagem, sob o olhar da Psicopedagogia, pois, nesta perspectiva, poderemos entender de que forma o ócio irá atuar no processo de aprendizagem e desenvolvimento humano.

Inicialmente, chegamos ao entendimento de que a aprendizagem envolve o aprender, mas não apenas isso, pois é preciso que o aprendente receba estímulos

para que alcance resultados satisfatórios. Porém, para se chegar a estes resultados, é necessário, primeiramente, levantar hipóteses, entendendo que existem alguns fatores fundamentais, os quais devem ser levados em conta, visto que podem colaborar para desencadear alguns distúrbios de aprendizagem.

Com base nos pressupostos de Paín (1992), Macedo e Pinto (2003) destacam que:

Ao tratar sobre os fatores orgânicos, Paín (1992:29) diz: “a origem de toda aprendizagem está nos esquemas de ação desdobrados mediante o corpo.” Como o indivíduo é um todo e não partes que trabalham isoladas, é necessária, uma integração entre anatomia, bom funcionamento de todos os órgãos, bem como do sistema nervoso central. No que se refere aos fatores específicos, a autora afirma existirem diversas desordens específicas ligadas a determinadas áreas também específicas, as quais perpassam questões cognitivas e motoras. Quanto aos fatores psicógenos, subsidia-se na teoria psicanalítica, mas afirma que se deve levar em consideração também as disposições orgânicas e ambientais do sujeito. Paín (1992:32) destaca que, na concepção de Freud, os problemas de aprendizagem não são erros: “[...] são perturbações produzidas durante a aquisição e não nos mecanismos de conservação e disponibilidade [...]”; é necessário procurar compreender os problemas de aprendizagem não sobre o que se está fazendo, mas sim sobre como se está fazendo. Nos fatores ambientais, encontram-se os elementos que muitos professores vêm levando em consideração com prioridade, ou seja, as questões de moradia, bairro, escola e oportunidades de lazer. O ambiente é mais gerador de problemas escolares do que de aprendizagem. Somado a outros fatores, contribuem para dificuldades de aprendizagem, mas considerados isoladamente são eles geradores de problemas escolares como a evasão. (MACEDO; PINTO, 2003, p. 121)

Assim, deve-se olhar para esses fatores de forma mais objetiva, de modo a poder entender o ponto de partida que fará com que se encontre a solução para a dificuldade de aprendizagem, pois ela envolve o corpo, a mente e o afetivo do paciente, pois, somente observando estes elementos, é que poderemos alcançar algum resultado positivo.

Para obter resultados de forma aceitável, é imprescindível que o aprendiz consiga assimilar, acomodar e equilibrar todo o conhecimento recebido, conforme enuncia a teoria de Piaget.

A assimilação se refere ao modo como um organismo enfrenta um estímulo do entorno em termos de organização atual, enquanto a acomodação implica uma modificação da organização atual em resposta às demandas do meio. Por meio da assimilação e da acomodação vamos reestruturando cognitivamente nossa aprendizagem ao longo do desenvolvimento (reestruturação cognitiva). A acomodação ou ajuste é o processo por meio do qual o sujeito

modifica seus esquemas, estruturas cognitivas, para poder incorporar novos objetos a esta estrutura. Isso pode ser conseguido a partir da criação de um novo esquema ou da modificação de um esquema já existente, de maneira que o mesmo estímulo e seu comportamento natural e associado possam se integrar como parte do mesmo.

Assimilação e acomodação são dois processos invariáveis do desenvolvimento cognitivo. Para Piaget, assimilação e acomodação interagem mutuamente em um processo de equilíbrio. Isso pode ser considerado um processo regulador, em um nível mais alto, que dirige a relação entre a assimilação e a acomodação. (PIAGET..., 2017)

Mas para que a criança assimile, acomode e equilibre o seu conhecimento é necessário que ela receba os estímulos básicos que irão impulsioná-la a continuar sua passagem por este processo de transformação. Neste sentido, Benítez (2018) destaca que:

Coelho e José (1999) definem aprendizagem como o resultado da estimulação do ambiente sobre o indivíduo já maduro, que se expressa, diante de uma situação- problema, sob a forma de uma mudança de comportamento em função da experiência. (BENÍTEZ, 2018, s/p)

Devemos lembrar que a aprendizagem é um processo, e como tal, ele é contínuo, pois é ininterrupto, coerente e constante, ou seja, uma vez iniciado, ele não deve ser interrompido e muito menos ser incoerente, é preciso que seja observado de perto, acompanhado constantemente para que, quando for preciso, sempre tenha alguém próximo para fazer as adequações fundamentais para a continuação deste procedimento.

Hamze (2018) propõe a reflexão sobre o processo de aprendizagem como um agente modificador de comportamentos:

Aprendizagem é um processo de mudança de comportamento obtido através da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais. Aprender é o resultado da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente. De acordo com a nova ênfase educacional, centrada na aprendizagem, o professor é coautor do processo de aprendizagem dos alunos. Nesse enfoque centrado na aprendizagem, o conhecimento é construído e reconstruído continuamente. (HAMZE, 2018, s/p)

O ensinante, o educador tem um papel fundamental na relação de ensino-aprendizagem, é ele quem vai mediar este processo, mostrando novos trajetos para que o aprendente consiga traçar novas rotas, a fim de alcançar os resultados esperados. Mas não se pode esquecer que esta relação não é unilateral, ou seja, ensinante e aprendente podem e aprendem juntos.

A partir do contexto enunciado, podemos incluir na pauta da discussão as modalidades de aprendizagem. Sobre isso Fenández (1991) considera que:

Em cada um de nós, podemos observar uma particular “modalidade de aprendizagem”, quer dizer, uma maneira pessoal para aproximar-se do conhecimento e para conformar seu saber. Tal modalidade de aprendizagem constrói-se desde o nascimento, e por ela nos deparamos com a angústia inerente ao conhecer-desconhecer.

A modalidade de aprendizagem é como uma matriz, um molde, um esquema de operar que vamos utilizando nas diferentes situações de aprendizagem. (FENÁNDEZ, 1991, p. 107)

Percebemos que as modalidades de aprendizagem são uma parte importante nesse processo, pois mostram os caminhos pelos quais devemos seguir na hora da avaliação. Por meio das modalidades de aprendizagem podemos nos guiar para tomar decisões capazes de modificar todo um cenário, ou seja, podemos ter uma situação negativa, mas que pode conduzir, ao final, a resultados positivos, pois agora podemos entender melhor como a criança aprende e, a partir daí, fazer as intervenções necessárias para que ela mude para uma modalidade considerada saudável.

Sordi (2009) classifica as modalidades de aprendizagem da seguinte forma:

- Hipoassimilação: Pobreza de contato com o objeto, que redundam em esquemas de objetos empobrecidos, deficitário lúdico e criativo.
- Hiperassimilação: Predomínio da subjetivação, desrealização do pensamento, dificuldade de resignar-se.
- Hipoacomodação: Pobreza de contato com o objeto, dificuldade na internalização de imagens, a criança sofreu a falta de estimulação ou o abandono.
- Hiperacomodação: Pobreza de contato com a subjetividade, superestimulação da imitação, falta de iniciativa, obediência acrítica às normas, submissão. (SORDI, 2009, p. 307)

Assim, podemos dizer que a aprendizagem é um processo que acontece por meio de interação do indivíduo com o meio em que vive e com o outro, mas que também possui modalidades que irão nos direcionar ao melhor caminho a ser seguido para atender às especificidades de cada criança, já que o aprender envolve experiências, observação, condicionamento, reflexão, atenção e concentração.

Agora que sabemos o que é ócio e o que é aprendizagem, bem como já entendemos também o papel do psicopedagogo neste processo, podemos compreender melhor como todos estes conceitos/elementos se relacionam, de que

forma podem colaborar para que a criança consiga aprender e qual o impacto que podem provocar em relação ao excesso de atividades e ao processo do desenvolvimento da aprendizagem infantil.

3 O EXCESSO DE ATIVIDADES E O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM INFANTIL

No primeiro tópico tratou-se da criança que precisa de um momento de ócio para poder elaborar novas ideias e aprender de forma prazerosa e satisfatória. Mas a partir deste ponto, pode-se destacar que o excesso de atividade pode ser muito prejudicial para a sua aprendizagem, tornando algo que poderia ser saudável em uma coisa chata e cansativa, que poderá gerar experiências desnecessárias frente ao conhecimento.

Percebemos muitas crianças sem tempo para o ócio, por serem obrigadas a cumprir agendas cheias de compromissos para a semana toda, o que vem causando excesso de atividades na sua vida diária e, por consequência, acaba tirando delas momentos de prazer e satisfação.

O que muitos pais e responsáveis não percebem é o quanto isso pode ser prejudicial, pois a cobrança pela perfeição acaba levando a criança ao estresse e desajustando a sua criatividade. As crianças precisam de um tempo de descanso, para que possam ter um momento de relaxamento e poder desenvolver novas habilidades.

De acordo com Vasconcellos (1999 *apud* SANTANA, 2017):

Devido à aceleração da vida moderna, existe uma tentativa de aceleração da aprendizagem e de sua maturação, não respeitando o tempo de cada criança, podendo gerar perturbações no seu funcionamento psíquico. A autora traz também a questão dos pais quererem que seus filhos sejam melhores do que eles, investindo especialmente na aprendizagem escolar e exigindo um bom desempenho. (VASCONCELLOS, 1999, *s/p apud* SANTANA, 2017, p. 11)

Carlos Eduardo Correa, pediatra e neonatologista, durante entrevista concedida à jornalista Rita Lisauskas, do jornal *O Estado de S.Paulo*, em abril de 2016, afirma que o excesso de atividades pode levar a criança ao estresse e ao excesso de peso. Nestes casos, ao invés de remédio, ele receita o brincar como forma de tratamento. Acrescenta, ainda, que o estresse não é bom para ninguém e que o momento do ócio é importante para usar a criatividade (LISAUSKAS, 2016).

A respeito disso, Leme (2012) considera que o estresse e a falta de tempo livre são sinônimos, e que usufruir do ócio pode trazer realização pessoal e felicidade, e Fenández (1991) relata que até mesmo os terapeutas estão propensos a passar por situações que os levam ao cansaço e ao estresse, surgindo, assim, a necessidade de praticar o ócio para resgatar a sua criatividade.

O psicólogo e pesquisador Peter Gray (2017 *apud* PEIXOTO, 2017), propõe uma importante questão:

Baseando-se em análises históricas e sociais dos Estados Unidos e de outros países, o pesquisador chegou à conclusão que, nos últimos 60 anos, houve um forte declínio do brincar. Paralelamente a isso, ocorreu o aumento de depressão, transtorno de ansiedade e suicídio entre crianças e jovens. “O desenvolvimento integral, considerando o desenvolvimento intelectual, emocional, social e cultural das crianças, está direta e intrinsecamente relacionado à possibilidade delas brincarem livremente”. (GRAY, 2017, *s/p apud* PEIXOTO, 2017, *s/p*)

Tudo o que é feito em excesso não faz bem a ninguém, principalmente à criança que ainda está formando seus próprios conceitos e sua identidade, mas o que vemos são crianças cada vez mais estressadas e apresentando sinais de uma possível depressão e baixa autoestima.

Porém, mesmo assim, podemos perceber que o excesso de atividades tem se tornado muito comum, nos consultórios. Por exemplo, muitos pais queixam-se que o(a) filho(a) não está indo bem na escola, que tem tirado notas baixas, ou mesmo que apresenta um comportamento agressivo.

No entanto, quando se tenta buscar uma resposta para essa questão, percebe-se que a criança está realmente cansada e estressada, pois pela manhã ela foi à escola, saindo de lá foi para a aula de música, depois para o balé ou futebol, mais tarde para o judô e, assim, consecutivamente, e para completar, ao chegar o final de semana, que é quando a criança pensa que terá o seu momento para brincar e fazer o que tem vontade, ao contrário disso, ela terá que ajudar a mãe ou o pai nas tarefas de casa, cuidar dos irmãozinhos, ir ao mercado ou padaria para buscar algo que faltou para o almoço de domingo, etc.

Não estamos dizendo que a criança não possa ou não deva fazer todas essas atividades, ou que isso seja completamente ruim. Questionamos, na realidade, em que momento esta criança terá tempo para brincar e para refletir sobre tudo o que vivenciou durante a semana, para descansar o corpo e a mente, relaxar, para aprender e se desenvolver de forma propícia.

Dentro do que é o processo de desenvolvimento pessoal destacam-se as possibilidades de autodescobrimento ou aumento da consciência de si; o prazer de conhecer e a dimensão criativa do desenvolvimento pessoal ou o prazer de ser o autor. (RHODEN, 2009, p. 13)

O excesso de atividades e a agenda cheia têm tirado de muitas crianças o conhecimento de si mesmas. Verificamos que muitas crianças não têm a consciência de se reconhecer como um sujeito histórico, muito menos de reconhecer a sua criatividade. Ainda existem aquelas que se quer sabem brincar, apesar de terem contato com objetos apropriados para isso.

É brincando que a criança desenvolve sua psique, produz significados, apropria-se da cultura, refina suas relações interpessoais, e ainda [...] desenvolve sua linguagem. (GOÉS, 2015, p. 3 *apud* SILVA, 2015, p. 31.303)

As psicólogas e pesquisadoras Kathryn Hirsh-Pasek, da Universidade *Temple*, e Roberta Golinkoff, da Universidade de *Delaware*, no livro *“Einstein teve tempo para brincar”* (2006), afirmam que:

[...] brincando mais livremente, as crianças terão mais chance de desenvolver a inteligência emocional. Afirmam ainda que a inteligência emocional vem com a maturidade, não em brinquedos passivos, e muito menos na pressa das atividades diárias. Os pais devem buscá-la na forma como interagem com seus filhos, no respeito construído pelo que eles dizem e fazem. (HIRSH-PASEK; GOLINKOFF, 2006, s/p *apud* CHEDID, 2016, s/p)

Além disso, o “brincar livre” pode envolver a fantasia e a imaginação, colaborando para o desenvolvimento emocional da criança que, ao usar a sua criatividade durante o seu tempo livre, pode expor seus sentimentos e impressões, antes não revelados a ninguém. Assim, ela também passará a explorar tudo a sua volta, a reparar em coisas antes não percebidas ou inconscientemente ignoradas, pois passa a ter tempo e condições propícias para ampliar a sua percepção espacial. Com isso, tudo se coloca a sua disposição, para que possa explorar à vontade.

Fato é que o ócio e o “nada” são fundamentais para que as crianças tenham autonomia na realização de seus quereres. O tempo cronometrado, fragmentado, enfraquece a possibilidade de exploração da potência e da imaginação. (PEIXOTO, 2017, s/p)

Vale a pena dizer que, nesse momento de reflexão, de ócio, a criança terá a oportunidade de desenvolver o seu intelecto, e poderá vivenciar emoções e sensações ainda não conhecidas.

A exploração do mundo, e constante aprendizado e significação de seus elementos, emoções sensações e transformações dá forma a um dos grandes motores do desenvolvimento da criança. "Você empobrece a inteligência da criança, quando ela não pode se experimentar". (BAROUKH, 2017, s/p *apud* HUNGRIA, 2017, s/p)

É importante que as crianças possam explorar o mundo a sua volta, que possam tocar a terra molhada, dançar na chuva, chupar manga direto no pé, correr, pular e gritar. Cabe a nós, pais e adultos, deixarmos que elas se libertem e se tornem crianças novamente, que elas possam se enxergar, se reconhecer, se ouvir, falar, imaginar, criar e recriar, enfim, que elas sejam elas mesmas, que sejam simplesmente crianças.

Hoje nem mesmo as festas infantis proporcionam tempo para o brincar livre: monitores, mágicos e outras atrações mantêm a criança "ocupada". Os pais fazem o mesmo com a semana da criança e enchem sua agenda de atividades. Em que momento as crianças farão um graveto virar um avião ou um trem? Quando exercitarão sua imaginação e criatividade? Quando aprenderão? (CHEDID, 2016, s/p)

Portanto, como já mencionado, o ócio deve ser permitido. É necessário permitir às crianças um momento de ociosidade, um momento de lazer, de descanso, para que possam livremente experimentar e explorar o meio a sua volta.

Após definirmos quanto o excesso de atividades pode prejudicar o desenvolvimento da aprendizagem infantil, é essencial refletirmos sobre o uso do ócio como uma importante ferramenta para a aprendizagem, como um instrumento significativo para a vida e desenvolvimento saudável das crianças.

4 O ÓCIO COMO FERRAMENTA A FAVOR DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

No primeiro tópico deste trabalho apresentamos uma breve exposição sobre o ócio como uma ferramenta positiva para a aprendizagem infantil. Porém, agora, o assunto é retomado com maior amplitude de análise, visto que vários conceitos essenciais ao entendimento da temática já foram elucidados, permitindo-nos aprofundar a discussão.

Inicialmente, torna-se necessário expor o conceito de aprendizagem significativa e, com esta finalidade, apresentamos a definição formulada por Nunes (2017):

A aprendizagem significativa se caracteriza pela interação entre

novos conhecimentos e o conhecimento prévio do aluno. Sendo que nessa interação os novos conhecimentos adquirem significado para o sujeito e os conhecimentos prévios adquirem novos significados ou maior estabilidade cognitiva. (NUNES, 2017, s/p)

De acordo com a concepção de Nunes (2017), devemos considerar os conhecimentos prévios da criança, pois é por meio deles que o cérebro irá organizar seus pensamentos e, assim, adquirir novos conhecimentos. É justamente aí que se estabelece a importância do ócio, pois a criança ao adquirir novas conexões fica com a mente cansada, o que torna necessário que ela descanse um pouco para poder pensar e repensar a organização das novas ideias e conhecimentos recém-aprendidos.

A partir desse ponto, percebe-se que o ócio é uma ferramenta muito importante e capaz de favorecer a aprendizagem, de forma que seja significativa. O ócio praticado na infância é muito mais do que apenas brincar ou descansar, pois, quando falamos de ócio nesta fase, propomos uma discussão sobre o desenvolvimento da criança, sobre a sua qualidade de vida e de experiências, ou seja, nos referimos, sobretudo, a uma vivência saudável, pois uma criança que vive o ócio é muito mais vigorosa.

O caráter formativo, educativo e desenvolvidor do ócio costuma ser considerado e tratado na literatura como um benefício da experiência de ócio. Entretanto, quando adjetivamos a experiência como ócio construtivo, a possibilidade de constituir-se como sujeito acrescido, modificado ou despertado pela experiência, consideramos que mais do que um benefício, o desenvolvimento humano, o fortalecimento pessoal e a constituição de um “novo” sujeito são fatores que caracterizam a experiência de ócio e explicam sua importância como uma dimensão da vida humana. (RHODEN, 2009, p. 10)

Porém, ainda encontramos certa resistência, tanto por parte dos pais, como por parte dos educadores, em entender que o ócio pode ser imensamente benéfico para o desenvolvimento e para a aprendizagem na infância, conforme esclarece Pellegrini (2016 *apud* CHEDID, 2016):

Crianças do ensino fundamental que brincam livremente durante o recreio retornam às aulas com a atenção renovada em relação ao seu trabalho. Essas crianças apresentam melhor desempenho em leitura e matemática do que crianças que não participaram do recreio. (PELLEGRINI, 2016, s/p *apud* CHEDID, 2016, s/p)

O autor ressalta, ainda, que:

As habilidades conhecidas como *funções executivas* (atenção, resolução de problemas e inibição), desenvolvidas sob as condições

do brincar dirigido, foram relacionadas ao melhor desempenho em matemática e leitura. Brincadeiras físicas foram também associadas com áreas de desenvolvimento do cérebro – lobos frontais – responsáveis pelo controle comportamental e cognitivo. (PELLEGRINI, 2016, s/p *apud* CHEDID, 2016, s/p)

Assim, observamos que o ócio não beneficia apenas a criatividade, visto que pode auxiliar muitas outras áreas do desenvolvimento humano, além da parte criativa, como, por exemplo, atuando diretamente no aspecto cognitivo e favorecendo a aquisição de novas habilidades.

Além disso, o ócio auxilia outras funções fundamentais, como a autorregulação, o controle comportamental, foco, atenção e concentração, para que se ajustem de tal forma que a criança consiga traçar novas rotas para obter os resultados esperados.

Esse ajustamento é necessário para que a criança consiga elaborar novas estratégias frente aos desafios que surgirão ao longo de sua vida, pois durante toda a sua existência ela vai enfrentar dificuldades, mesmo na sua vivência escolar, e poderá se deparar com questões que demandam ação e soluções, que farão com que ela pense e repense suas estratégias, a fim de elucidá-las e ajustá-las às situações.

Um dos momentos de descanso no trabalho, as pessoas deveriam entrar numa sala, com uma estrutura agradável, sem papéis, mesas, computadores, ou seja, sem algo que lembre o trabalho, para pensarem, para criarem, para acharem soluções, que normalmente na rotina não lhes sobra tempo. É justamente nesse “descanso mental” que podem surgir grandes ideias, e que também compartilhadas, mostram maior eficiência nas outras pessoas que trabalham. (GONÇALVES, 2006, s/p)

O mesmo acontece com as crianças. Às vezes, é preciso que a criança dê um tempo, uma pausa em relação àquela aula difícil de Matemática, e parta para um momento de ócio, nem que seja por cinco minutos, só para clarear as ideias. Depois disso, a criança voltará com as ideias renovadas e conseguirá dar sequência ao problema que antes não estava conseguindo resolver.

Entendemos, portanto, que o ócio e a aprendizagem estão ligados, pois a mente da criança, ao encontrar obstáculos, precisa se desconectar de tudo a sua volta e recomeçar do ponto inicial. Neste momento ela começa a traçar uma nova rota, trilhando caminhos que farão com que chegue a novos resultados, visto que, quando a criança entra em ócio, tudo aquilo que estava lhe impedindo de chegar aos seus objetivos acabam saindo de cena, fazendo com que novas ideias surjam.

Depois é somente necessário colocá-las em prática. Sobre isso Hartmann (2017, s/p) diz que: “Ao deixarmos vazio o palco da mente, novos atores surgem para contracenar”.

No entanto, não se pode esquecer que isso envolve a subjetividade de cada um, sendo assim, o tempo de aprender é diferente para cada criança e o ócio também é subjetivo, portanto, cabe a cada um decidir a melhor e a mais adequada forma para praticá-lo, seguindo as suas necessidades e respeitando o seu próprio tempo.

Acrescenta-se a isso, que não basta simplesmente se permitir vivenciar o ócio, mas é preciso saber escolher o lugar, a forma e quando vivenciá-lo, pois, lembrando novamente, cada um tem a sua própria subjetividade e um momento ocioso também possui a sua estética, e para que possa surtir o efeito esperado, precisamos fazer as escolhas corretas. De Masi (2000) esclarece que:

A pedagogia do ócio também tem a sua ética, sua estética, sua dinâmica e suas técnicas. E tudo isso deve ser ensinado. O ócio requer uma escolha atenta dos lugares justos: para se repousar, para se distrair e para se divertir. (DE MASI, 2000, p. 325)

Cientes dessas concepções, podemos extrair o que há de melhor no ócio, a fim de proporcionar uma aprendizagem realmente significativa para as crianças. O praticante pode usufruir o seu tempo da melhor maneira possível, utilizando-o para criar e recriar e, depois, colocar em prática tudo aquilo que sua criatividade foi capaz de produzir. Afinal de contas, só pode produzir e recriar quem tem a capacidade de imaginar e fantasiar, quem não imagina, não cria e muito menos produz.

[...] a vivência de ócio é uma experiência que nos ajuda a nos realizar, nos conhecer, nos identificar, nos sentir melhores, sair da rotina, fantasiar e recuperar o equilíbrio das frustrações e desenganos. (CUENCA, 2003, p. 32 *apud* AQUINO; MARTINS, 2007, p. 494)

Para as crianças, a criatividade é tudo. É por meio do ócio que elas criam, escolhem o que vão brincar e quando brincar. É neste mundo imaginário e cheio de criatividade que elas vivenciam, por meio de brincadeiras, e formam a sua visão de mundo, aprendem a interagir com o outro, reproduzir situações do cotidiano, e até mesmo a se comportar diante das dificuldades, viver em sociedade e, o mais importante, elas se desenvolverão de forma saudável e enriquecendo a sua aprendizagem.

Renata Meirelles, Mestre em Educação e idealizadora do projeto “*Território do Brincar*”, em entrevista ao Portal EBC (2016), afirma que:

Por meio dessa interação, a criança encontra referências de como o outro age e o que ele faz. Isso lhe dá oportunidade de experimentar, explorar, buscar novas formas de fazer o que os outros estão fazendo, e cria um contorno para que ela entenda seus limites, como funcionam as regras sociais, e conheça o contexto ao seu redor. A mesma coisa quando brinca com o adulto ou simplesmente fica perto dele enquanto faz algo como um bolo, jardinagem, construções em geral etc. A referência é aprendida sem precisar ser ensinada, apenas vivenciada em conjunto. (CRIANÇA..., 2016, s/p)

Considerando tudo o que foi dito até agora, podemos definir o ócio como o ponto de partida para que o desenvolvimento e a aprendizagem aconteçam, visto que a criança aprende por meio de observação e reproduzindo aquilo que vê. É na interação com o outro que ela vai aprender, e tudo isso acontece em seu momento de ócio, ou seja, ela se permite viver este momento ocioso e, como consequência, ela adquire conhecimento, bagagem e repertório para sua vida.

Entretanto, a criança pode não aprender por outros fatores, não necessariamente por falta de vivenciar o ócio, portanto, cabe ao psicopedagogo atentar para este fato e investigar todas as hipóteses possíveis, para chegar a um resultado definitivo sobre a sua dificuldade de aprendizagem. De acordo com Fenández (1991):

A aprendizagem é um processo cuja matriz é vincular e lúdica é sua raiz corporal; seu desdobramento criativo põe-se em jogo por meio da articulação inteligência-desejo e do equilíbrio assimilação-acomodação. No humano, a aprendizagem funciona como equivalente funcional do instinto. Para dar conta das fraturas no aprender, necessitamos atender aos processos (à dinâmica, ao movimento, às tendências) e não aos resultados ou rendimentos (sejam escolares ou psicométricos).

Somente observando como aprende, como joga a criança, e, em seguida, qual é a originalidade de seu fracasso (a partir do qual se diferencia como sujeito), estaremos no caminho de elucidar por que ela não aprende. (FENÁNDEZ, 1991, p. 48)

Enfim, devemos, antes de realizar qualquer intervenção, observar sempre e cuidadosamente a situação dada, investigar a fundo todas as causas que levaram a criança a desenvolver um quadro de dificuldade do aprender. Devemos ouvir as queixas, pois, somente após esta análise e escuta, é que podemos definir qual o tratamento adequado para resolver o problema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância do ócio na infância, nos dias atuais, torna-se um assunto relevante, pois as agendas cheias das crianças têm contribuído para que elas deixem de lado os prazeres e satisfações da vida. Isso nos faz refletir sobre o quanto o ócio pode tornar-se uma ferramenta positiva para o processo de aprendizagem na infância.

A partir da reflexão sobre o tema, do ponto de vista da Psicopedagogia, buscou-se entender os conceitos de ócio e aprendizagem, analisar como o excesso de atividades pode prejudicar todo o processo que envolve o aprender da criança, além de refletir sobre a importância do ócio como ferramenta a favor da aprendizagem.

Diante do exposto, ao discutir o conceito de ócio destacamos que ele deve ser permitido, como uma livre escolha da criança praticá-lo, pois é um momento dedicado ao autoconhecimento e desenvolvimento da autonomia, além do avanço pleno do indivíduo e de sua satisfação pessoal. Além disso, percebe-se que ele pode ser visto como um instrumento de transformação e de estimulação da criatividade, que envolve o concreto e o saber fazer, podendo ser realizado sozinho, ou em grupo, por meio de brincadeiras e mesmo em um momento de reflexão, como é o caso da prática do Yôga.

Ao discutirmos a aprendizagem a partir do olhar da Psicopedagogia, observamos que a terapia psicopedagógica trata as dificuldades de aprendizagem humana, mostra novos caminhos para que a criança possa aprender, ajudando-a a organizar suas ideias. Ainda neste contexto, discutiu-se sobre alguns fatores que podem interferir no processo e, por isso, devem ser observados com cuidado. Além disso, foram abordados alguns conceitos básicos como assimilação, acomodação e equilíbrio, de modo a compreender melhor como se dá a aquisição do conhecimento e, por fim, tratamos também das modalidades de aprendizagem e esclarecemos o papel do psicopedagogo como mediador do processo.

Sobre o excesso de atividades, apresentamos argumentos que esclarecem o quanto esta prática pode ser prejudicial para o desenvolvimento infantil, desajustando a sua criatividade e atrapalhando a aprendizagem da criança.

Acrescentamos que a criança precisa de um momento de descanso, de brincar livre, para desenvolver a sua imaginação por meio de novas vivências com o outro e com o meio em que vive, descobrindo sensações e emoções, antes não conhecidas, mas para que isso ocorra é preciso deixar que elas explorem o ambiente.

Já em relação à aprendizagem significativa, destacamos que para isso é preciso levar em conta os conhecimentos prévios da criança, e que a prática do ócio enfrenta resistência por parte dos pais e até mesmo de educadores, os quais acreditam que, para a criança vivenciar a ociosidade, elas perdem muito tempo, pois permanecem sem fazer nada.

Este estudo buscou evidenciar que o ócio durante a infância pode colaborar com o desenvolvimento de novas habilidades, bem como ajudar na autorregulação e na elaboração de estratégias. Além disso, o ócio envolve a subjetividade da criança, já que ela terá que saber escolher o local e a forma que lhe seja mais adequada para colocá-lo em prática.

Portanto, podemos dizer que o ócio faz parte do processo de aprendizagem e de criatividade, sendo muito necessário para o desenvolvimento infantil, pois é por meio dele que a criança pensará em novas rotas para aprender e ganhar novos conhecimentos. Mas para que ele seja significativo é preciso que haja um propósito, pois ele deve ser pensado e utilizado para causar uma transformação, tanto de pensamento, como de comportamento e atitudes.

Aprendemos, por meio da revisão da literatura proposta neste trabalho, que a Psicopedagogia tem um papel fundamental para a prática do ócio construtivo e para avaliar e solucionar os problemas/dificuldades da aprendizagem infantil, pois oferece conceitos importantes para uma nova percepção sobre o ócio. O profissional da área tem um papel importante, no que se refere às intervenções necessárias, passando confiança e estimulando o paciente.

E, por fim, podemos concluir que o ócio tem um papel fundamental no processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil, que é o de acalmar a mente cansada de uma criança, fortalecendo-a para que o conhecimento seja uma meta alcançável e para que possa ser efetivamente adquirido pela criança.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Luciana Bozzi de. Psicopedagogia e distúrbios de aprendizagem: uma visão diagnóstica. **Encontro: Revista de Psicologia**. v. 13, n. 19. p. 115-143, 2010. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=Psicopedagogia+e+dist%C3%BArbios+de+aprendizagem:+uma+vis%C3%A3o+diagn%C3%B3stica.&ie=utf-8&oe=utf-8&client=firefox-b&gws_rd=cr&dcr=0&ei=KPrCWuDWDcP_wQTagrfoCg>. Acesso em: 12 mar. 2018, às 18h55.
- AQUINO, Cássio Adriano Braz. MARTINS, José Clerton de Oliveira. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Mal-estar e Subjetividade**. Fortaleza, v. VII, n. 2, p. 479-500, set. 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/271/27170213/>>. Acesso em: 18 fev. 2018, às 18h13.
- BENÍTEZ, Iara Maria Stein. **Aprendizagem: conceitos e características**. 2018. Disponível em: <<https://www.coladaweb.com/pedagogia/aprendizagem-conceitos-e-caracteristicas>>. Acesso em : 20 fev. 2018, às 22h00.
- CHEDID, Katia A. Kühn. Efeitos da agenda cheia. **Revista Neuroeducação**. Desenvolvimento. 6. ed. mai. 2016. Disponível em: <<http://revistaneuroeducacao.com.br/efeitos-da-agenda-cheia/>>. Acesso em: 23 ago. 2017, às 19h20.
- CRIANÇA precisa de ócio para decidir como e com o que quer brincar, diz educadora. **Portal EBC/Fundação Maria Cecília Souto Vidigal**. (Entrevista com Renata Meirelles). mai. 2016. Disponível em: <<http://revistaneuroeducacao.com.br/efeitos-da-agenda-cheia/>>. Acesso em: 23 ago. 2017, às 19h20. Acesso em: 18 fev. 2018, às 18h42.
- DE MASI, Domenico. **Biografia**. Nossos autores – Editora Sextante. Disponível em: <<http://www.esextante.com.br/autores/domenico-de-masi>>. Acesso em: 20 jan. 2018, às 13h12.
- DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. (Entrevista a Maria Serena Palieri). Tradução de Lea Manzi. Resumo elaborado pela equipe Informática Jurídica Direito e Tecnologia. Rio de Janeiro: Sextante, 2000. Disponível em: <<http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/4824-4817-1-PB.htm>>. Acesso em: 23 ago. 2018.
- FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Tradução de Iara Rodrigues. Porto Alegre (RS): Artmed, 1991.
- GONÇALVES, Patrícia Moreira. Ócio de uma mente pensante. **Psicologia.pt – O Portal dos Psicólogos**. jan. 2006. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/ver_opiniao.php?codigo=AOP0058>. Acesso em: 18 fev. 2018, às 13h30.

HAMZE, Amélia. O que é a aprendizagem? **Brasil Escola**. Canal do Educador. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/o-que-e-aprendizagem.htm>>. Acesso em: 19 fev. 2018, às 11h40.

HARTMANN, Marcel. Tédio e ócio, apesar de angustiantes, podem fazer bem para a criatividade e reflexão. **O Estado de S.Paulo** (*on-line*), São Paulo, abr. 2017. Disponível em: <<http://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,tedio-e-ocio-apesar-de-angustiantes-podem-fazer-bem-para-criatividade-e-reflexao,70001751167>>. Acesso em: 18 fev. 2018, às 18h23.

HUNGRIA, Camila. Por que curiosidade e imaginação são os melhores brinquedos? **Catraquinha**. jul. 2017. Disponível em: <<https://catraquinha.catracalivre.com.br/geral/defender/indicacao/por-que-curiosidade-e-imaginacao-sao-os-melhores-brinquedos/>>. Acesso em: 18 fev. 2018, às 18h27.

LEME, Ricardo José de Almeida. **Saúde é consciência**: medicina da saúde x medicina da doença. São Paulo: Ciranda Cultural, 2012.

LISAUSKAS, Rita. Já receitei o “brincar” em vez de remédio aos meus pacientes, conta pediatra. **O Estado de S.Paulo** (*on-line*), São Paulo, abr. 2016. Disponível em: <<http://emails.estadao.com.br/noticias/geral,ja-receitei-o-brincar-em-vez-de-remedio-aos-meus-pacientes-conta-pediatra,10000027392>>. Acesso em : 23 ago. 2017, às 13h51.

MACEDO, Adriana Miranda. PINTO, Maria das Graças Carvalho da Silva Medeiros Gonçalves. Problemas de aprendizagem: um olhar psicopedagógico. **Educação** (UFSM), Santa Maria (RS), v. 28, n. 1, p. 113-127, 2003. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=MACEDO,+Adriana+Miranda.+PINTO,+Maria+das+Gra%C3%A7as+Carvalho+da+Silva+Medeiros+Gon%C3%A7alves.+Problemas+de+Aprendizagem:+um+olhar+psicopedag%C3%B3gico.+&ie=utf-8&oe=utf-8&client=firefox-b&gws_rd=cr&dcr=0&ei=BQTDWpq-CladwAS5tYqwBA>. Acesso em: 15 mar. 2018, às 15h30.

MONTEAGUDO, María Jesús. CUENCA, Jaime. BAYÓN, Fernando. KLEIBER, Douglas A. Ócio ao longo da vida: as potencialidades dos itinerários de ócio para a promoção do desenvolvimento humano. Tradução de Andreia Manoliu e Maria Elena Ortiz. Revisão de Silvana Costa. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**. CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade Universidade do Minho, Portugal. v. 1, n. 2, p. 155-172, 2013. Disponível em: <<http://rlec.pt/index.php/rlec/article/view/30>>. Acesso em: 23 ago. 2017, às 20h00.

NUNES, Tereza. O que é aprendizagem significativa. **Pontodidática**. ago. 2017. Disponível em: <<http://pontodidatica.com.br/o-que-e-aprendizagem-significativa/>>. Acesso em: 22 fev. 2018, às 13h00.

PEIXOTO, Fernanda. A necessidade do “nada” na vida das crianças. **Conexão Planeta**. nov. 2017. Disponível em: <<http://conexaoplaneta.com.br/blog/a-necessidade-do-nada-na-vida-das-criancas/>>. Acesso em: 15 mar. 2018, às 21h33.

PIAGET e sua teoria sobre a aprendizagem. **A mente é maravilhosa – Psicologia**. jul. 2017. Disponível em: <<https://amenteemaravilhosa.com.br/piaget-teoria-aprendizagem/>>. Acesso em: 15 mar. 2018, às 17h00.

RHODEN, Ieda. **Ócio construtivo e o desenvolvimento humano**. 2009. Disponível em: <<http://irhoden.com/site/wp-content/uploads/2016/01/Ocio-construtivo-e-desenvolvimento-humano.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2018, às 17h36.

ROCHA, Giovane. Ócio criativo: conheça o que é esse conceito. **Alto Astral**. 2016. Disponível em: <<https://www.altoastral.com.br/ocio-criativo-conheca-esse-conceito/>>. Acesso em: 19 fev. 2018, às 20h16.

RUANO, Eduardo Silva. A importância do ócio criativo. **Obvious**. Coluna La-Parola. jun. 2016. Disponível em: <http://lounge.obviousmag.org/ideias_de_guerrilha/2016/06/a-importancia-do-ocio-criativo.html>. Acesso em: 19 fev. 2018, às 14h00.

SANTANA, Graziela Alves Santos. As pressões excessivas que as crianças sofrem da parte dos pais para serem bem sucedidas na sociedade competitiva contemporânea. **Psicologia.pt – O Portal dos Psicólogos**. jun. 2017. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1090.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2017, às 20h41.,

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Elisabete Ramos da. Tempo e brincadeira: reflexões sobre a educação infantil no tempo integral. CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE), 11. 26 a 29 de outubro de 2015. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19996_10054.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2018, às 18h22.

SORDI, Regina Orgler. Modalidade de aprendizagem: uma contribuição para a ampliação do conceito. **Revista Psicopedagogia**. São Paulo, v. 26, n. 80, p. 303-312, 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862009000200015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 mar. 2018, às 15h00.